

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE BIOLOGIA, EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM ABAETETUBA-PA

Deolília de Jesus Valente Moraes

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal do Pará, Campus Abaetetuba; E-mail: liamoraes1981@gmail.com

**Prof.^ª Dra. Diselma Marinho Brito -
Orientadora**

RESUMO

Este trabalho está sendo desenvolvido, em uma escola da rede estadual do município de Abaetetuba-PA, que iniciou-se em agosto de 2015, tem como objetivo principal observar o ensino aplicado aos alunos surdos nas aulas de biologia e como se promove seu processo de inclusão. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica. A inclusão do aluno surdo nas escolas regulares, tem ajudado muitos alunos a se desenvolver em outros aspectos, como o psíquico, não só no que diz respeito à educação, mas sim em todas outras modalidades. Na luta pela inclusão, alunos com surdez, dividem o espaço escolar com alunos ditos normais, sem que estes desenvolvam a comunicação em línguas de sinais (LIBRAS).

Palavras-chave: alunos com surdez. educação inclusiva. inclusão.

INTRODUÇÃO

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

Estudos comprovam que o início da educação especial deu-se na França, com a tentativa de ensinar mudos a falar. Em relação ao Brasil, criou-se o Imperial Instituto de Meninos Cegos (1854), no Rio de Janeiro, logo depois criou-se também o Instituto Imperial de Educação de Surdos (1857), também no Rio de Janeiro.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, no seu art. 208, a educação é direito de todos sem exceção, o, mas antes não era bem assim, as pessoas que apresentavam algum tipo de “deficiência”, eram alfabetizadas em suas casas ou segregadas a uma turma de classe especial, sem manter contato com outras crianças ditas normais.

No paradigma da integração, buscava-se preparar o sujeito especial para promover sua adaptação ao meio no qual estava inserido. Desta forma, a integração visava capacitar o “indivíduo especial” para fazer sua adaptação ao seu meio social.

Nessa perspectiva, o aluno especial é que deveria adaptar-se à escola regular, tendo como pressuposto o princípio da normalização que objetiva possibilitar às pessoas com deficiências condições e ambientes menos restritivos. Para que isso ocorra, são demandados serviços e estipulados os requisitos necessários para a escolarização de alunos com deficiências.

INCLUSÃO

Atualmente a educação inclusiva tornou-se uma realidade nas escolas brasileiras, porém para que esses alunos sejam atendidos em suas especificidades, é Este trabalho é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, em construção, intitulado “ A inclusão de alunos surdos nas aulas de Biologia em uma Escola Estadual em Abaetetuba-PA”

necessário entender quais dificuldades que ele encontra em sua limitação. Hoje várias instituições que atuam trabalhando com crianças nas diversas formas de deficiência, com a intenção de proporcionar à essas crianças apoio e bem estar, no entanto, o direito de frequentar escolas, é garantido através da Lei nº 13.146 de 2015 (Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência [Estatuto da Pessoa com Deficiência]) as disciplinas são adaptadas para atender as necessidades específicas de cada aluno de acordo com suas especificidades.

Para PEREIRA 2009:

”O indivíduo com necessidade especial deve como qualquer pessoa ter acesso a uma educação de qualidade e a todos os mecanismos necessários para que seu aprendizado seja possível”.

Uma educação de qualidade para todos contende-se, entre outros fatores, a atribuição de novas dimensões da escola no que consiste não somente na aceitação, como também na valorização das diferenças, resgatando os valores culturais e o respeito do aprender e construir, conforme define a Declaração de Salamanca (1994, p. 8-9):

[...] as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar [...] elas constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos.

Entretanto ao longo dos anos, a educação especial vinha sendo uma educação paralela àquela educação para os alunos ditos normais, sendo que esses alunos não tinham nenhum contato, seja físico ou afetivo, com alunos da educação especial, sendo assim não conheciam as peculiaridades que cada um deles possui.

Em nossas escolas, a inclusão está longe ser uma educação não segregada, alunos com surdez, estão em sala de aula regular, todavia para se aprimorarem eles precisam de acompanhamento dos profissionais da sala de apoio da escola, já que os professores não dominam a língua de sinais.

Segundo Silva (2008) , a inclusão não deve ser entendida como um movimento que procura unicamente incorporar os alunos especiais à escola regular, não é simplesmente a transferência da educação especial às escolas de ensino comum, mas sim a educação dos alunos com necessidades educativas especiais.

Para os autores BUDEL e MEIER (2012 p.50):

Precisamos refletir muito profundamente sobre a inclusão e ir além, refletindo sobre a verdadeira integração e aceitação. Incluir não basta. Integrar e aceitar não são tarefas fáceis. Refletir sobre esses conceitos e sobre a atitude pessoal em relação a eles é essencial para o professor. Incluir é inserir, é colocar dentro, é conter. Por isso dizemos que incluir não basta.

Entretanto incluir é diferente de integrar, de aceitar. Integrar, você integra algo a um conjunto, ou ainda, aceitar é concordar, é admitir. Incluir é você descobrir que, apesar das necessidades (NEE) que o aluno apresentem você vai ser o mediador das descobertas do potencial dele, já que ele só é rotulado como “deficiente”, sem ter uma oportunidade de desenvolver suas outras habilidades, porém essa inclusão vai

Este trabalho é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, em construção, intitulado “ A inclusão de alunos surdos nas aulas de Biologia em uma Escola Estadual em Abaetetuba-PA”

beneficiar todos (pais, professores, comunidade escolar e sociedade), onde podem demonstrar suas competências e responsabilidades educacionais.

Dessa forma, pode-se perceber o quanto deficitário é o processo de inclusão em sala de aula quando o assunto é aluno com surdez. A interação desses alunos com os outros da classe é a mínima possível, uma vez que a maioria esmagadora dos estudantes não conhece a língua de sinais, dificultando assim a relação entre os mesmos. Com os professores, a realidade não é tão diferente, pois, a maioria dos professores dos quais tivemos acesso em sala de aula, relataram que também não possuem conhecimento em língua de sinais, por isso, não conseguem interagir de forma eficaz com os referidos alunos.

Nos debates atuais sobre inclusão, o ensino escolar brasileiro tem diante de si o desafio de encontrar soluções que respondam à questão do acesso e permanência de alunos nas suas instituições educacionais.

Para o autor FERREIRA (2005, p. 44) a inclusão envolve:

[...] uma filosofia que valoriza diversidade de força, habilidades e necessidades [do ser humano] como natural e desejável, trazendo para cada comunidade a oportunidade de responder de forma que conduza à aprendizagem e do crescimento da comunidade como um todo, e dando a cada membro desta comunidade um papel de valor.

CONCEITO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Não se deve deixar de reconhecer que a educação de pessoas com necessidades educativas especiais no Brasil teve um avanço, uma vez que, antes nas escolas se tinha uma sala específica para esse alunado, onde todos os alunos que possuíam algum tipo de necessidade especial ficavam juntos em uma só sala. A LDB (BRASIL, 1996) é bem clara colocando que, hoje o atendimento educacional só será realizado em classes, escolas ou serviços especializados se a condição específica dos alunos não for possível nas classes comum do ensino regular, ou seja, só se a condição do aluno não permitir mesmo, que ele será atendido fora da escola convencional.

Montoan (2002) vem nos esclarecer qual a ideia principal sobre inclusão:

A inclusão é uma inovação, cujo sentido tem sido muito distorcido e um movimento muito polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais. No entanto, inserir alunos com déficits de toda ordem, permanentes ou temporários, mais graves ou menos severos ao ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação – e assim diz a Constituição: - Inovar não tem necessariamente o sentido de inusitado. As grandes inovações estão, muitas vezes na concretização do óbvio, do simples, do que é possível fazer, mas que precisa ser desvelado, para que possa ser compreendido por todos e aceito sem outras resistências, senão aquelas que dão brilho e vigor ao debate das novidades.

Sasaki (1997, p.41) , define a inclusão:

Um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

Este trabalho é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, em construção, intitulado “ A inclusão de alunos surdos nas aulas de Biologia em uma Escola Estadual em Abaetetuba-PA”

(...) Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Para que o aluno com NEE (surdez) possa se desenvolver positivamente dentro de suas limitações, a escola precisa apresentar um currículo adaptado e que leve em conta as diversidades de sua realidade educativa. Segundo Libâneo (2004, p. 173-174)

O currículo é o conjunto dos vários tipos de aprendizagens, aquelas exigidas pelos processos de escolarização, mas também aqueles valores comportamento, atitudes que se adquirem nas vivências cotidianas na comunidade, na interação entre professores, alunos, funcionários, nos jogos e no recreio e outras atividades concretas que acontecem na escola que denominamos ora currículo real, ora currículo oculto

Para a autora MACHADO (2009), *a educação inclusiva, deve ser uma educação com novos olhares, com novas maneiras de enfoque e compreensão dos conhecimentos que se têm e os quais vão ser adquiridos.*

INCLUSÃO DO SURDO

Barcellos (2009) relata que as pessoas com surdez enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar, decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas. Muitos alunos com deficiência auditiva podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio afetivo, linguístico e político-cultural, e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem. BARCELLOS também afirma que:

A inclusão do aluno com surdez deve acontecer desde a educação infantil até a educação superior, garantindo-lhe, desde cedo, utilizar os recursos de que necessita para superar as barreiras no processo educacional e usufruir seus direitos escolares, exercendo sua cidadania, de acordo com os princípios constitucionais do nosso país. A inclusão de pessoas com surdez na escola comum requer que se busquem meios para beneficiar sua participação e aprendizagem, tanto na sala de aula como no Atendimento Educacional Especializado (BARCELLOS, 2009).

O objetivo deste trabalho, é investigar e analisar o processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos nas aulas de Biologia, incentivando novos métodos de aulas para esses alunos, como aulas práticas de botânica e biologia molecular, instigando-os a desenvolverem outras habilidades, dentro de suas limitações. Com isso proporcionar aos professores novas estratégias de ensino que busque ampliar seus domínios de conhecimento, para que possa atingir um público maior de alunos, normais e surdos.

METODOLOGIA

Este trabalho é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, em construção, intitulado "A inclusão de alunos surdos nas aulas de Biologia em uma Escola Estadual em Abaetetuba-PA"

A metodologia empregada, se dá através de uma pesquisa qualitativa, onde a busca por informações, é através de observações em sala de aula, nas turmas do 1º ano e do 3º ano do Ensino Médio, no turno da manhã, onde estão matriculadas 3 (três) alunas e 1 (uma) aluna, respectivamente, surdas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando a professora Maria Silva, resolveu educar crianças com necessidades específicas, ela quebra o paradigma da educação, e com isso ela faz um processo de inclusão, mesmo que seja ainda aquela inclusão de segregação, onde pessoas com algum tipo de deficiência, teriam que ocupar as salas especiais das escolas.

A escola, um dos objetos desse estudo, é referência regional na área de educação especial, onde atende um público considerável, em todos os níveis de deficiência, sendo bem estruturada e organizada no que se refere ao tema inclusão. A referência dessa escola, vai sendo passada de pai para pai, podendo assim perceber que a educação se torna também um fator importante para as famílias que possuem um filho(a) com algum tipo de deficiência.

As metodologias propostas pelos professores, a princípio é comum a todos, redirecionando seus alunos surdos para a sala de recursos, onde lá nesse ambiente tem um professor que consegue se comunicar em LIBRAS. Quando muda o professor, este procura, em suas aulas abordar todos os alunos presentes em sala de aula, seja ditos normais, ou surdos, esse professor tenta explicar através de imagens no livro didático, o assunto proposto, algumas vezes com êxito, outras não. Para Pereira (2009), “[...a escola deve oferecer intérpretes de língua de sinais, educadores surdos ou que possuem a língua de sinais e professores ouvintes que sejam usuárias da língua brasileira de sinais...]”. O processo de inclusão torna-se então uma realidade na vida do aluno, quando cumprido os requisitos básicos para que este aluno possa ter o seu pleno desenvolvimento.

No mesmo sentido, devido às dificuldades acarretadas pelas questões de linguagem, observa-se que os alunos surdos encontram-se defasados no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade. Disso advém a necessidade de elaboração de propostas educacionais que atendam às necessidades dos sujeitos surdos, favorecendo o desenvolvimento efetivo de suas capacidades (LACERDA, 2006). A partir dessa análise, observa-se o quanto é importante à busca por outros meios de ensino, que auxilie no processo de aprendizagem desses alunos, como também dê suporte para o processo de inclusão do mesmo.

Assim Blanco (2002, p.31), coloca que “a instituição tem que incluir, sustentar, acompanhar, apoiar, enriquecer e oferecer tudo o que esta pessoa necessita em sua singularidade para ter êxito no objetivo de integrar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de alunos surdos, tornou-se uma realidade nas escolas brasileiras, porém, ainda está longe do ideal de educação de qualidade para todos, existem várias lacunas a serem preenchidas, pois é preciso mais do que palavras para que ocorra de fato a inclusão. É necessário que haja comprometimento por parte de toda comunidade escolar, tanto do corpo docente quanto de todos os alunos envolvidos no processo ensino aprendizagem, pois independente de ter necessidade específica ou não, todos precisam estar preparados para enfrentar as barreiras provenientes sejam físicas, de estrutura ou de linguagens.

Este trabalho é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, em construção, intitulado “A inclusão de alunos surdos nas aulas de Biologia em uma Escola Estadual em Abaetetuba-PA”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, G. C. **Educação de deficientes auditivos: um elemento do processo inclusivo.** Fortaleza – CE, 2009. 59p. Monografia de Graduação – Centro de Ciência e Tecnologia, UECE. Disponível em: <www.uece.br/fisica/index.php/arquivos/docdo wnload/46>. Acesso em: 21/set/16

BLANCO, Maria Rosa. **Implicações educativas do aprendizado na diversidade.** Gestão em Rede 38, Edição Temática – Como realizar o ensino inclusivo, 2002, pp. 06-11.

BORGES, Maria C. e et al. **Inclusão versus integração: a problemática das políticas e da formação docente.** Revista Ibero americana de Educação – Julho/12, N°5913

BUDEL, G. C. e MEIER M.. **Mediação de aprendizagem na educação especial /** Curitiba: Ibplex, 2012. – (Série inclusão escolar)

MENDES, Enicéia G. **Historia de la educación de anormales y de la educación especial em Iberoamérica.** Revista Educación y Pedagogía, vol.22, núm.57, mayo-agosto, 2010

FERREIRA, Windyz B. **Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos?** Revista da Educação Especial - Out/2005, N° 40.

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Cad. Cedes, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669>>. Acesso em: 23/set/2016.

MACHADO, Rosângela. **Educação Especial na Escola Inclusiva: Políticas, Paradigmas e Práticas.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009

MANTOAN, M. T. E. **Caminhos Pedagógicos da Inclusão;** LEPED/FE/ Unicamp 28 de novembro de 2002

PEREIRA, S. R.; **Os processos de Alfabetização e Letramento em LIBRAS: um percurso semiótico/Bebedouro: Fafibe, 2009. 53f.**

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, M. G. **A inclusão do aluno surdo no ambiente escolar.** Disponível em: <<http://www.ufac.br/portal/unidades-administrativas/orgaos-complementares/edufac/revistas-eletronicas/revista-ramal-de-ideias/edicoes/edicao-1/caminhos-da-educacao/a-inclusao-do-aluno-surdo-na-rede-regular-de-ensino>>.

Acesso em: 06/set/2016.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília, CORDE, 1994.